

Carlos - Ela própria já teve o cuidado de me inteirar da situação, entretanto partiu também dela a afirmativa de que o amor modifica as criaturas e de que tudo aquilo que se renuncia por amor, longe de nos fazer falta ainda nos causa alegria.

Lourival - Essas coisas são interessantes de se dizer e agradáveis de se ouvir ~~em teoria~~ mas, transportadas à prática, nunca surtiram efeitos favoráveis. Não vá interpretar mal as minhas palavras. Tudo o que lhe digo é em seu próprio interesse.

Carlos - Compreendo e agradeço-lhe a franqueza. *Afiango-lhe*, porém, que a minha resolução foi tomada sem qualquer precipitação e que nada - a não ser a sua recusa - será capaz de alterar os meus planos. Amo Isabel, sei que ela me corresponde e tenho certeza absoluta de que havemos de ser muito felizes. Quer fazer a gentileza de me dizer quando poderei vir saber a sua resposta?

Lourival - Pôde ser... vejamos... Hoje à tarde conversarei com Isabel e à noite ouvirei a opinião de Percília. Uma vez resolvido o assunto favoravelmente, precisarei ainda de dois ou três dias para procurar alguns dos nomes que figuram nesta lista. Hoje é?...

Carlos - Quinta feira.

Lourival - Quinta feira. *(contando)* Quinta, sexta, sábado... Bem, façamos o seguinte: segunda feira, à tarde, o senhor passe por aqui que eu já terei alguma coisa para ~~lhe~~ *de ler.*

Carlos - Perfeitamente. Muito prazer, às suas ordens, Carlos Maia de Avelar.

Lourival - Passe bem, passe bem. *(Passos que se retiram)*

Controle: → *(CORTINA MUSICAL)*

Percília - E o que lhe respondeste tu, Lourival?

Lourival - Ora, ora o que lhe podia eu responder? Coisa nenhuma. Disse-lhe, apenas, que passasse lá pelo escritório segunda feira que eu lhe diria alguma coisa. Pegado assim de surpresa, como fui, o que querias tu que eu lhe dissesse? Vocês têm a mania de esconder de mim tudo o que fazem... *e o resultado, depois.*

Percília - Vocês não. A sua filha. Eu nunca fiz nada escondida de você.

Lourival - Mas você sabia desse namoro, não sabia?

Percília - Eu não sabia. Ela nunca me disse nada. Eu apenas desconfiava, *Lucas e o casamento* ~~no~~ ^{no} tive que eu tinha para desconfiar você também os poderia ter. Você estava, como eu, naquele baile do Circulo Naval em que ele dançou com ela quasi toda a noite.

Lourival - Ah, mais eu não vi. Então se eu visse você crê que eu admitiria? Ou ela ~~teria~~ *teria* ~~se~~ ^{se} par ou nós teríamos vindo todos para casa, ~~o resultado~~ *o resultado na mesma hora. Agora está aí o resultado.*

Percília - Mas Lourival, você não deseja que Isabel se case?

Lourival - Claro que sim. Não a desejo solteirona. Mas não vou entregar a minha filha a um homem que conta apenas com o seu soldo e nada mais.

Percília - Pois então porque você não lhe disse logo que não?

Lourival - Porque seria falta de habilidade da minha parte e eu passaria, *ad olha* de ambos, por um despota, o que eu não quero. Tenho que agir como estou agindo: fingindo interesse pelo assunto e sorratamente ir dissiplinando a um e outro. Recibi o rapaz cortezmente, aceitei a lista que me deu para que tirasse informações suas, marquei-lhe um dia para dar-lhe a resposta e etc, etc. Com ela mostrarei o mesmo interesse e no fim, habilidossamente, tratarei de desviá-la do rapaz.

³
aproveita para

Ela está em casa.

- Percília - ~~Ela está em casa. Não queres~~ ^{aproveita para} falar-lhe agora?
- Lourival - ⁶⁶ Sim. Será melhor. Assim já ficarei livre desta grande massada. Vai chamá-la. (Passos que se afastam) Já que não tive a habilidade de garantir o socego da minha velhice com o meu casamento, não quero cometer a burrice de deixar de garanti-lo agora com o casamento da filha. Ela é bonita, elegante, tem maneiras distintas não será difícil que lhe apareça si um dos muitos milionários que ainda não cometeram a tolice de ~~se~~ casar. Já estão bem preparados os planos que não de convencê-la de renunciar a esse casamento. Uma casa e um soldo de oficial mal daria para os dois e nós continuaríamos até o fim nesta mesma situação *de abertura* em que temos vivido. (Passos que se aproximam) ~~Si~~ Ai vem ela. É preciso que eu saiba dissimular bem as minhas intenções.
- Isabel - (Após uma pausa) Mandou-me chamar, papai?
- Lourival - Sim, minha filha. Senta-te aí que preciso muito conversar contigo.
- Isabel - (após uma pausa) Pronto, meu pai. Estou às suas ordens.
- Lourival - O que tenho a dizer-te é simples. Eu fui hoje surpreendido com um pedido de casamento para ti. Sim, digo surpreendido porque si bem que o rapaz me dissesse que vocês já se namoram há quasi seis meses, eu ignorava ~~completamente~~ completamente. Nem posso mesmo compreender a razão porque me ocultavas isto.
- Isabel - Não é que eu procurasse ocultar-lhe, propriamente, papai. É que como o senhor sempre olhou com maus olhos os meus namorados e eu sentisse a necessidade de namorar para me distrair, preferi deixar que o senhor percebesse ~~o que eu estava fazendo~~ do que ouvir censuras e advertencias ao fazer-lhe a comunicação.
- Lourival - Censuras e advertencias que visariam exclusivamente a tua felicidade, minha filha.
- Isabel - Bem sei, papai. Compreendo a sua intenção mas a verdade é que o senhor é um pouco exagerado no seu zelo pela minha felicidade.
- Lourival - Exagerado, dizes tu?!...
- Isabel - Bem, papai, deixemos de parte essas considerações e entremos diretamente no assunto. Carlos pediu-lhe a minha mão? E o que lhe respondeu o senhor?
- Lourival - É claro que não lhe poderia responder nada sem consultar-te primeiro, filha. A interessada direta és tu, não seria justo que eu resolvesse por mim. Pedi-lhe que voltasse ao escritorio segunda feira que eu então lhe diria qualquer coisa.
- Isabel - E o que tem o senhor a dizer-me sobre ele?
- Lourival - Muita coisa, minha filha. É muita coisa que me foi dita pelos próprios amigos a quem ele mandou que eu me dirigisse para colher informações suas. É pobre, vive apenas do seu soldo e terá que morar em companhia de sua mãe que é uma senhora de um temperamento horroroso! Além disto, dá-se ao vicio do jogo e por causa dele está crivado de dívidas. Como vês esses dois motivos que te apresento me parecem mais do que suficientes para que não levas a sério a sua proposta e trates de procurar coisa melhor.
- Isabel - Há dez anos que eu procuro essa coisa melhor, papai. Lembre-se que estou com vinte e seis anos e este é o terceiro casamento que o senhor me obriga a recusar.
- Lourival - Eu não te obrigo a recusar, minha filha. Não fales assim que me magoas profundamente. Eu apenas, no meu papel de pai consciente dos seus deveres, procuro impedir a tua infelicidade. Então tu crês que poderás ser feliz casando com um homem que joga mais do que ganha e terá, ainda, que morar com uma sogra mal educada e violenta?

Isabel - Pois bem, papai, façamos uma coisa: eu por ora não assumirei nenhum com promisso com o Carlos mas o senhor vai me dar permissão de procurar in vestigar os motivos que o senhor me apresenta para recusá-lo.

Lourival - Como?! Então tu duvidas da palavra de teu pai?

Isabel - Não é do senhor que eu duvido, papai. É daqueles que lhe forneceram es sas informações que o senhor possui. Não tenho nenhuma razão que me o brigue a dar-lhes crédito absoluto.

Lourival - Proponho-te outra coisa, filha: as informações, infelizmente, são exa tas e sem qualquer discordância uma da outra. Eu direi ao rapaz que tu lhe darás uma resposta mais tarde - dentro de mez e meio ou dois mezes. Nesse tempo tu vais procurar esquecê-lo. Se o conseguires, desistirás e em caso contrário casarás sob tua única e exclusiva responsabilidade. ~~Está~~ Combinado?

Isabel - Está bem, meu pai. Aceito a sua proposta.

Controle: —————> (CORTINA MUSICAL)

Percília - E se ela, ao fim desse tempo, persistir ainda na mesma ideia?

Lourival - Já tenho o meu plano feito. Não me deixarei apanhar outra vez de sur- preza. Já escrevi à tua irmã e como tenho que viajar para o interior na próxima semana, de passagem deixarei Isabel na sua fazenda com a promessa de trazê-la em meu regresso. Ao voltar nada lhe avisarei e assim ela ficará por lá uns dois ou tres mezes, o que me parece tem po suficiente para esquecer essa nova ilusão.

Percília - É, o plano está bem delineado. Resta agora que ela se sujeite a ficar por lá tanto tempo.

Lourival - Ficará, tenho plena certeza. Isabel, além de muito obediente, adora os hábitos e a vida da fazenda. Além de tudo isto, ela não prima pela con stancia. Tu bem viste isto nos casos anteriores.

Percília - Menos mal que ela é assim, do contrário sofreria muito. Já lhe comuni caste a intenção de levá-la?

Lourival - Não. Precisamos primeiro convencê-la de que emagreceu bastante e que a magreza não lhe assenta bem. Este argumento terá grande influencia no seu espírito e concorrerá para que ela aceite a nossa sugestão. Hoje mesmo no jantar daremos início a essa tarefa.

Controle: —————> (CORTINA MUSICAL)

Mingôta - Leve a bagagem para cima, Tereza. Minha sobrinha ficará no quarto da esquina que é mais amplo e mais arejado. (Passos que se afastam) Mas então, minha querida, que grande prazer!... Vens encher de sol e de alegria algum tempo de minha vida, não é verdade?

Isabel - Uns quinze dias mais ou menos, titia. O tempo que papai permanecer no interior. Quando passar de volta, me levará para a cidade.

Mingôta - E ele onde está?

Isabel - Seguiu no trem. Entregou-me ao seu Bernardo na estação.

Mingôta - Ora que pena! Eu não sabia que o Lourival não desembarcaria, do con- trário teria ido à estação para vê-lo. Faz tanto tempo que não nos avistamos. A última vez que ele esteve aqui vai para quasi oito anos. Foi quando meu marido morreu.

Isabel - Na volta eu creio que ele ficará aqui uns dois ou tres dias.

Mingôta - Ah, sim. Farei questão absoluta. E com isto prenderei por mais dois dias a minha querida Isabel. Deixa-me ver-te bem. (Pausa) Tua mãe me escreveu muito preocupada com a tua magreza mas para ser bem sincera devo dizer-te que não te acho magra.

Isabel - E não o estou, realmente. Para mãe e pai eu me deixaria engordar sem pre sem cuidar a estética. A senhora bem os conhece e sabe o quanto são exagerados nos cuidados que se dispensam.

Mingôta - É natural. Única filha... Fazem isto, justamente, por te querer bem.

Isabel - Bem sei, e não digo isto para me queixar deles, mas o exagero muitas vezes é prejudicial.

Mingôta - Neste momento eu só tenho que bendizer o exagero deles porque se assim não fôsse eu não teria o prazer de te ter aqui comigo uns dias.

Isabel - A senhora sempre bondosa e amiga, tia Mingôta.

Mingôta - Quero-te muito, minha querida, muito. Quando fiquei viúva fiz grande empenho em que teus pais viessem morar comigo para poder encarregar-me da tua educação e ter, ao mesmo tempo, o consolo da tua presença junto a mim. Teu pai não concordou e como eu insistisse muito ele acabou se aborrecendo e até chegamos mesmo a ficar algum tempo indiferentes. Depois esquecemos ambos a desavença e nos tornamos às boas.

Isabel - Papai é um bocado impulsivo mas não é mau. Mas mudemos de assunto, tia Mingôta. Sabe que venho inteiramente resolvida a fazer uma temporada de verdadeiras gauchadas? Quero montar, correr a cavalo pelos campos, assistir rodeios, marcações, fazer enfim uma vida completamente diferente daquela que sou obrigada a viver lá na cidade.

Mingôta - Pois bem, eu hei de providenciar para que nada disto te falte. Ordenarei ao capataz que te escolha um bom cavalo e se quizeres tomar parte em tudo o que se passa aqui na fazenda já depois de amanhã poderás assistir à tosquia das ovelhas.

Isabel - Quero, sim, titia. Faço questão, como já lhe disse.

Mingôta - Pois bem, agora então vamos subir que tu deves estar muito empoeirada da viagem e aflita para trocar essa roupa não é verdade?

Isabel - Realmente. Com a sêca desses últimos tempos havia tanta poeira no caminho que eu estou verdadeiramente imunda.

Mingôta - O banho já deve estar preparado e depois dele trataremos de jantar. Mandei assar uma costelinha de vitela especialmente para te esperar.

Isabel - A senhora é um amor, titia. E somente a certeza de ser recebida com tanto carinho foi que me fez aceitar, de imediato, a proposta de pai. Vou tomar o meu banho, trocar de roupa e dentro de vinte minutos, no máximo, estarei de volta aqui em baixo para saborear essa costelinha de vitela que a senhora mandou preparar para mim.

Curtina: → (CORTINA MUSICAL)

Estúdio: → (Ruído de patas de cavalos por alguns momentos)

Anacreonte - Podemos pará por aqui, meu patrão. Num hay necessidade de trotá até lá. Daqui nós avistemo bem a lagôa.

Lucindo - É, realmente. Daqui já se vê bem a lagôa. Se dona Mingôta estiver de acôrdo em nos ceder um pedaço do seu campo poderemos comprar-lhe degde aquele capão até à extremidade da lagôa. Quanto te parece que poderá ter aí?

Anacreonte - Um quarto de légua, mais ou meno. Bem puxado dá.

Lucindo - Tu disseste que já falaste isto ao ~~capataz~~ *dela?*

Anacreonte - Foi, sim sinhô. Ontante tivemo junto lá na venda do Bermiro tomamo um traguinho e depois como os dois vinha pro mesmo lado nós viemo de bucada ~~o~~ e eu disse pra ele.

Lucindo - É qual é a opinião do Bernardo? Ele acha que ela será capaz de vender?

Anacreonte- Ele acha que depende do que o meu patrão tiver resovido a pagá. Que tudo se compra e tudo se vende mas porem tem os seus cumfolme.

Lucindo - Creio que mamãe estará disposta a fazer-lhe uma bôa proposta. Nós precisamos dessa lagôa. Ela daria um grande valor á nossa fazenda alem da utilidade que teria para o gado.

Anacreonte- Pro gado era uma sarvação nesses tempo de seca que a gente atravessa.

Estúdio: → (Cavalo que vem se aproximando de longe)

Lucindo - Lá vem alguém a cavalo pelos campos da dona Mingôta. Talvez seja o Bernardo. Se fôsse, já seria uma ôtima ocasião de falarmos com ele. Ué, Anacreonte, parece uma mulher, repara.

Anacreonte- É uma muiê, sim sinhô.

Lucindo - Talvez alguma empregada de dona Mingôta. Mas não, está muito elegante para ser uma empregada.

Anacreonte- Num é impregada, num sinhô, meu patrão. É uma moça da cidade que tá parano na casa dela já faz uns dia. Nhô Bernardo me disse que é fia duma emã dela que môra destante.

Estúdio: → (O ruído do cavalo, que não se aproximou muito, precipita-se em ritmo, afastando-se, para dar a impressão de que o cavalo disparou).

Lucindo - Que disparada maluca. É uma imprudencia dessa moça andar assim desse jeito num campo tão acidentado. Poderá levar uma queda.

Anacreonte- Num é ela, meu patrão. Veje que num é ela. Foi o cavalo que disparô.

Lucindo - Sim, Anacreonte, é isto mesmo. Foi o cavalo que disparou. Precisamos dar um jeito de auxiliá-la.

Anacreonte- Que jeito que bamo dá pra oxiliá essa moça, meu patrão? Sô tem passa ge pros cavalo lá no fundo do campo. Inté que se vá lá e dê vorta o Zaino já dirrubô ela.

Lucindo - Que dar volta coisa nenhuma, homem. Não ha tempo a perder. Vou fazer o alazão pular o aramado. (Ruído característico de aticar um cavalo)

Estúdio: Vamos, Alazão! (Ruído de cavalo arrancando na corrida. Pausa rápida para o pulo e de novo o cavalo em disparada)

Anacreonte- (na pausa do pulo, já um pouco afastado) Oiga-te gaúcho bôo, seu Lucindo!....

Estúdio: → (Ruído do cavalo em disparada, sempre em primeiro plano)

Lucindo - Vamos, Alazão. Vamos. Temos que alcançá-la. (Pausa. Contin'ua a disparada.) Vôa, Alazão! Precisamos chegar em tempo de evitar-lhe a queda! (Pausa. Sempre a disparada) Já estamos nos aproximando, Alazão. Vôa! (Pausa. Disparada) Vamos, Vamos! (gritando forte) Não se atire. Puxe as rédeas. (Pausa, disparada) Puxe as rédeas com força!... (Pausa, disparada) Tire os pés dos estribos que eu vou desmontá-la. Quando se tir-se segura solte o Santo Antonio. (Pausa. Ruído de cavalo em disparada. Um grito nervoso de Isabel) Pronto, pronto, está salva. Não tenha receio. (Um cavalo se afasta, disparando e o outro vai diminuindo a marcha até parar). Machucou-se!

Isabel - (cansada) Não... felizmente... Foi só o susto.

Lucindo (Cansado) Genta-se para descansar. Que pena não ter um pouco d'agua aqui para lhe dar.

Isabel - Não é necessário... estou bem, felizmente... um pouco cansada do susto e da disparada. Agradeço-lhe o que fez... não sei se teria chegado em casa com vida... se não fôsse o senhor.

- Lucindo - Ora, senhorita, por favor. Não exagere o mérito de tão pequenino feito. O que ~~lhe~~ salvou foi o seu próprio sangue frio.
- Isabel - Não sei o que foi isto com o zaino hoje... não é a primeira vez que saio nele e nunca me aconteceu uma coisa assim... Acredito que se tenha assustado de qualquer coisa...
- Lucindo - É possível.
- Isabel - Estou preocupada agora com o susto que titia irá levar, vendo chegar o cavalo sózinho.
- Lucindo - Sim, tem razão. Precisamos avisar dona Mingota.
- Isabel - Ah o senhor conhece tia Mingota?
- Lucindo - Somos vizinhos de fazenda. Raramente nos avistamos, é verdade, mas temos mantido sempre relações cordiais. (Ruído de cavalo que se aproxima) Lá vem o meu peão. Vou ceder o meu cavalo à senhorita e ele a acompanhará no dele até em casa. Eu esperarei ~~at~~ aqui até que ele me traga de volta o Alazão.
- Isabel - Vou causar, talvez, um grande transtorno ao senhor.
- Lucindo - Isso não tem nenhuma importância. Devemos evitar que sua tia leve um grande susto, isso sim.
- Anacreonte - Não se pisô-se a moça, patrão?
- Lucindo - Não, Anacreonte, felizmente nada lhe aconteceu afóra o susto. Você agora vai acompanhá-la até à fazenda da dona Mingota. Ela vai no Alazão e eu ficarei esperando aqui. Você m'o trará de volta.
- Anacreonte - Tá munto bem, meu patrão. A moça já pôde amuntá?
- Isabel - Pôssso, sim. Felizmente eu estou muito bem. Foi só o susto. Titia havia de gostar de poder agradecer-lhe pessoalmente.
- Lucindo - Não ha motivos para agradecimentos em todo o caso logo à noite irei até lá porque necessito mesmo falar-lhe.
- Isabel - Pois bem, nós o esperaremos com grande prazer. Tanto eu como titia. Mais uma vez obrigada e até logo.

Lucindo - Até logo, senhorita. Ruído de cavalos que saem e vão se distanciando até se perderem na distancia Bonita como poucas!... Bonita de verdade!

Estúdio.
Controle: → (CORTINA MUSICAL)

- Mingota - Felizmente o susto não foi tão grande como poderia ter sido, porque quando Bernardo avistou o zaino sem a Isabel e gritou por mim, eu ao chegar na janela do quarto, lá em cima, já avistei-a ao lado do seu peão num outro cavalo. Agora eu já disse: ~~naquele~~ não me andará mais.
- Lucindo - É claro. Não convem insistir, uma vez que o cavalo se assusta facilmente.
- Mingota - O peão contou-me do seu gesto e eu lhe estou gratíssima.
- Lucindo - Ora, dona Mingota, por favor... eu fiz o que qualquer um teria feito neste caso.
- Isabel - Resta saber se qualquer um teria o sangue frio e a coragem que o senhor demonstrou.
- Mingota - Justamente, Isabel, é isto mesmo. Eu estava aflita que o senhor chegasse para darramar a seus pés a minha gratidão.
- Lucindo - Meu Deus! Por favor nem me falem mais nisto que me confundem. Falemos sobre o assunto do campo, dona Mingota. Mãe está interessada...

Mingôta - Já sei. O peão já falou comigo à respeito e o senhor pôde dizer à sua mãe que me faça a proposta que lhe parecer razoável que ela ha de merecer a minha atenção especial.

Lucindo - Mamãe preferia que a senhora lhe fizesse o preço.

Mingôta - Eu francamente não sei quanto possa pedir-lhe pelo campo. Nunca tive necessidade de vender nada meu de formas que não sei nem mesmo calcular o seu valor exato. O senhor veja lá com ela, combinem o que me podem oferecer por ele e eu depois então ~~virei~~ examinarei a proposta e direi alguma coisa. Adiante-lhe que vou fazer isto mais com o desejo de servi-los do que por interesse no negocio.

Lucindo - Muito obrigado. Eu voltarei então amanhã e já lhe direi qualquer coisa.

Isabel - Não quer tomar mais um cálice de licor antes de ir?

Lucindo - Obrigado, eu não quero abusar. Boa noite, dona Mingota.

Mingôta - Muito boa noite, seu Lucindo. E mais uma vez muitíssimo obrigadã.

Lucindo - Não ha porque. Boa noite, senhorita Isabel.

Isabel - Boa noite. Apareça de vez em quando.

Lucindo - Terei nisto o maior prazer. (Passos que se afastam)

Isabel - (após uma pausa) Muito simpático o rapaz, não lhe parece titia?

Mingôta - Efetivamente. É bastante simpático o maroto.

Isabel - A senhora não o conhecia antes?

Mingôta - De vista, apenas. Quando eles adquiriram a fazenda eu já havia perdido o meu marido e não saia mais de casa. Nem mesmo os vizinhos visitava. A senhora mãe dela parece que também é caseira como eu, de formas que a essa nem ao menos de vista eu conheço. Bem, minha filha, é tarde e tu deves estar cansadíssima. Vai dormir para te refazer.

Isabel - Até amanhã então, titia. (beijo)

Mingôta - Até amanhã, minha querida.

Isabel - Deus lhe dê uma boa noite.

Mingota - E é ti também. Que tenhas sonhos cor de rosa.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Lourival - Ouve só. Ouve isto! (lendo) É um rapaz encantador e desta vez eu me sinto verdadeiramente apaixonada. Espero que o senhor nada tenha para dizer em contrário. Tia Mingôta que o conhece muito bem, diz que é ótimo rapaz e único herdeiro da fazenda da sua mãe que fica justamente ao lado da de titia.guardo ansiosamente a sua resposta e o seu consentimento. Beijos para mamãe e para o senhor, Isabel. (Pausa) O que é que você me diz a isto, Percília? O que é que você me diz à isto? Vamos, responda?

Percília - Ora essa, Lourival, o que é que eu vou dizer? Quem resolve essas coisas é você, o que adianta agora eu dizer isto ou aquilo?

Lourival - Diga se não é mesmo uma perseguição? Mandamos a menina daqui para o meio do mato afim de desviá-la de um casamento que não lhe convinha e em pouco mais de dois meses ela arranja um outro lá no mato mesmo.

Percília - Mas talvez desta vez não haja motivo para você se opôr. Você queria um rapaz rico, ela diz aí que esse é filho único de uma estancieira.

Lourival - Eu queria um rapaz rico mas não um bagual criado em estancia. Você bem sabe esses rapazes como são.

- Percília - Só sabem montar a cavalo, parar rodeio, sair a caçar pelos campos e apostar nas corridas.
- Lourival - E então? E você acha que isso seja casamento para nossa filha?
- Percília - Eu não acho coisa nenhuma, Lourival. Eu estou de acordo com você de que eles são uns brutos.
- Lourival - Uns brutos, uns incultos, sem educação social de espécie alguma e geralmente uns viciados em corridas de cavalos ou rinha de galos. Filho único de estancieira rica!... Que me importa lá que seja! Quero um homem rico para Isabel, é verdade, mas não quero que tenha apenas dinheiro. Isso seria jogar com a felicidade dela e eu nunca faria. Isabel está habituada a trajar bem, frequentar a boa sociedade, passear, ir ao cinema, aos teatros e eu quero um homem que seja capaz de proporcionar-lhe tudo isto a que ela está habituada. Ela ~~quer~~ só se sentiria feliz tendo tudo isto, *eu sei*.
- Percília - Pois então escreva-lhe hoje mesmo e manda-lhe dizer tudo isto.
- Lourival - É o que farei. E se na sua próxima ~~em~~ carta ela ainda persistir na ideia eu tomo o trem e trago-a de volta para casa em dois dias.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

- Mingota - O que lhe diz ele sobre o rapaz, minha filha?
- Isabel - Exatamente o que eu esperava que dissesse, tia Mingota. Para papai não ha um rapaz digno de aspirar a minha mão. Todos são falhos, todos tem defeitos. Ele se esquece que estou com vinte e ~~dois~~ ^{dois} anos e que não pos ^{seus} ~~seus~~ muito tempo ~~para~~ ^{para} escolher.
- Mingota - Mas minha filha, os pais geralmente procuram sempre levar os filhos pa ra o caminho da felicidade. Quem sabe lá se o seu não terá qualquer mo tivo do rapaz.
- Isabel - Que motivos poderá ele ter se nem conhece Lucindo? Papai é da oposição sistemática, titia. Eu já cheguei á conclusão de que ele não deseja que eu me case, seja lá com quem fôr.
- Mingota - Não deve ser assim, minha querida. Qual o pai que não quererá ver a sua filha emparada? É que o coração deles sempre vê mais longe e aquilo que a vocês muita vez parece teimosia ou intransigencia, não é mais do que um presentimento.
- Isabel - Mas os presentimentos nem sempre são exatos. A senhora acha justo que o quarto rapaz que se acerca de mim com tenções de casar-se papai procu re afastá-lo sem motivos justificados?
- Mingota - Sem motivos justificados ao teus olhos, minha querida, perante a sua con sci encia de pai, entretanto, eu não creio que seja assim.
- Isabel - Ora, titia, a senhora está me deixando triste.
- Mingota - Ora essa, minha querida, porque?
- Isabel - Porque justamente desta vez que eu cont ava com o seu auxilio para me in sur dir contra a teimosia de papai, vejo-me completamente só e desampar ada da mesma maneira como quando estava em minha casa.
- Mingota - Não, minha querida, não digas isto, Eu não te abandonarei em hipótese alguma. Apenas quero que tenhas calma para resolver a situação e que não faças as coisas precipitadamente. Seja lá, porém, qual fôr a resolução que tomares, podes estar certa de que não te negarei o meu auxilio.
- Isabel - Jura, titia? Seja lá qual fôr a resolução que eu tomar?
- Mingota - E será necessário que eu jure? Não crês então na minha palavra, Isabel?

Isabel - Creio, sim, titia, perdõe-me. Pois bem, sabe o que pretendo fazer? Escreverei a papai dizendo que, para lhe ser agradável, terminei o namoro com Lucindo e aqui tratarei de tudo para casar-me o mais rapidamente possível. Quando papai souber estará tudo consumado.

Mingôta - Mas minha querida, isso é uma aventura arriscadíssima. Vocês se conhecem muito pouco. Há dois meses apenas. Olha que jogas assim com a tua própria felicidade.

Isabel - A minha felicidade, titia, será viver ao lado dele para todo o sempre. Amo Lucindo, não tenho disto a menor dúvida e não estarei disposta a renunciar nem mais uma vez à minha felicidade por uma obediência absurda ao meu pai. E a senhora não poderá mais faltar à palavra empenhada. Terá que me auxiliar.

Mingôta - Bem, se estás assim tão certa, como dizes, de que o teu casamento com ele será toda a tua felicidade eu não terei nenhuma dúvida em cumprir com o que te prometi. Só não quero que um dia nem tu nem teus pais possam acusar-me de ter cooperado para a tua infelicidade.

Isabel - Não, tia Mingôta, não precisa ter nenhum receio porque isto não acontecerá. Eu hei de ser muito e muito feliz ao lado dele. A senhora há de ver.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Lucindo - Que tarde maravilhosa a de hoje, não achaste querida?

Isabel - Uma coisa fantástica! Fiquei com titia no avarandado até o sol se esconder. Houve um momento, quando o sol estava prestes a desaparecer, que parecia um incendio no céu. Eu não me cansava de admirar o poente!

Lucindo - E depois? O que fizeste até a hora da minha chegada? Conta-me tudo. Quero saber tudo.

Isabel - Entramos para jantar ao som dos discos que encomendaste para mim. São todos lindíssimos. Já separei um para ouvir muitas vezes, tanto ele me agitou.

Lucindo - Podias tocá-lo então agora. Eu também gostaria de ouvi-lo.

Isabel - E a teu lado ele me parecerá ainda muito mais bonito. Aqui está. Vais ouvi-lo.

Estudio → (Após uma pausa, ~~se~~ se escuta a corda da vitrola) *uuuuuu*
Controle: (disco cantado por Jean Sablon)

Isabel - E então? Não é verdadeiramente lindo?

Lucindo - Eu sabia que tu gostarias dele. Foi por isto, precisamente, que o escolhi. Ou melhor, não devo enfeitar-me com penas de pavão. A escolha não foi propriamente minha. Foi mamãe quem fez a relação dos discos encomendados.

Isabel - Quero então que lhe agradeças muito em meu nome.

Lucindo - Não, tu mesma lhe farás o agradecimento quando ela vier ver-te amanhã.

Isabel - É verdade? Ela virá contigo amanhã?

Lucindo - Virá, sim. Não comigo, entretanto. Mamãe dificilmente sai à noite. Já deu ordem ao peão que atrelasse o carro para as duas e meia da tarde. Às tres e meia deverá estar aqui.

Isabel - Foi bom que te lembraste de me avisar, meu amor. A essa hora geralmente eu estou à vontade e ela teria uma impressão muito má da sua futura nora.

Lucindo - Tenho a impressão de que ela deseja ver-te justamente assim porque me fez a recomendação especial de não avisar-te nada. Assim fingirás que não a esperavas.

Isabel - Não te preocupes por isto. Terei o cuidado de dissimular. Ela virá às três e meia, disseste?

Lucindo - Sim. É justamente uma hora lá de casa até aqui, cortando o atalho da Estrada Real. Ela virá conhecer-te e combinar contigo alguns detalhes do casamento. Precisamos apurar-nos antes que teu pai se lembre de mandar buscar-te.

Isabel - Creio que dentro de vinte dias já estaremos em condições de casar-nos e antes de um mez, pela sua última carta, ele não virá. (O relógio ce

Estúdio: meça a badalar dez horas)

Lucindo - Dez horas. Devo por-me a caminho que tenho, ainda, uma hora de viagem. Dona Mingóta dorme tão profundamente na sua cadeira de balanço que te nho até pena de acordá-la para me despedir.

Isabel - Não é necessário. Eu lhe direi depois que você lhe deixou um abraço.

Lucindo - Até amanhã, então, minha querida.

Isabel - Até amanhã, meu amor!

Controle: (CORTINA MUSICAL)

Bárbara - (enfática e posada, porem cortez) Eu já deveria ter vindo antes mas a viagem, embora curta, é muito penosa devido aos maus caminhos e as minhas nevralgias dificilmente me dão trégoa.

Isabel - Eu não reparo, absolutamente, dona Bárbara. Se titia pudesse me acompanhar eu já teria ido vê-la muito antes que a senhora tivesse vindo visitar-me.

Bárbara - Na noite do contrato de casamento eu é que deveria vir para fazer o pedido. Havia ficado tudo assentado de véspera. Quasi na hora de sair tive uma enxaqueca tão grande que em vez de vir para cá fui direitinho para a cama.

Isabel - Pois é, o Lucindo me disse. Eu fiquei com uma pena enorme. O meu prazer teria sido muito mais completo se a senhora tivesse podido vir.

Bárbara - A velhice é muito triste. Principalmente quando se vive só.

Mingóta - A quem a senhora o diz! E a senhora ainda tem um bom filho que lhe acompanha. E eu que ha oito anos vivo aqui completamente sósinha? Depois que Isabel chegou é que minha casa se iluminou de sol. Antes, era a sombra por toda a parte. Agora ela casa e sombra volta novamente a envolver-me.

Isabel - Mas eu agora estarei muito mais perto, titia, e virei vê-la seguidamente.

Mingóta - É o pouquinho de esperança que fica comigo. A senhora vai levar para a sua casa uma verdadeira jóia, dona Bárbara.

Isabel - Óra, titia, francamente... Lembre-se que a senhora é suspeita para me fazer elogios.

Mingóta - Sou muito positiva. Digo aquilo que é.

Bárbara - Creio que nos entenderemos perfeitamente. Eu tambem tenho um gênio muito bom. Sou pouco expansiva mas bastante compreensiva e tolerante.

Isabel - Não tenho nenhuma dúvida de que havemos de ser muito amigas, D. Bárbara.

Bárbara - A vida lá em casa é um bocado monótona, reconheço, mas em compensação é uma vida muito sadia pelo método que observamos em tudo. O horário das refeições, para nós, é uma coisa sagrada. E as horas de sono tambem são sempre contadas e guardadas religiosamente. Você talvez extrañhe, a principio, mas depois se habituará e gostará.

Mingôta - Isabel é muito acomodada e tem muita facilidade de se adaptar.

Bárbara - É bom, é bom. E se não fôsse assim não deveria casar-se ainda com a rapariga da cidade. Mas vizinha Mingôta, mudando de um pólo a outro, quando iremos acertar definitivamente a questão da venda do campo?

Mingôta - Eu deixei esse assunto inteiramente entregue ao seu filho e ao meu capataz. Como lhe mandei dizer pelo Lucindo, eu não tenho prática dessas coisas. Nunca vendi nada do que é meu. Se vou fazer agora esse negócio é mais pelo desejo de servi-la.

Bárbara - Mas a senhora faz mal. Não devia entregar o que é seu na mão de estrangeiros. A senhora mesma deveria resolver os seus negócios. Lá em casa quem resolve tudo sou eu. Meu filho é meu filho e tem que prestar-me ~~obediência~~ contas dos seus atos e o capataz é um empregado. Sem a minha palavra não se resolve negócio nenhum. Aprenda a fazer assim a senhora também e vamos resolver hoje mesmo o assunto do campo.

Isabel - Mas eu proponho que façam isto, então, depois do chá. A empregada já me fez sinal de que ele está servido. Vamos passar ao avarendado? Mandei que puzessem a mesa lá porque a tarde está tão linda!

Bárbara - Vamos então e depois do chá discutiremos o assunto do campo.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Lourival - (furioso) Mas isso é uma coisa abominável! Isso é uma traição miserável!

Percília - O que foi Lourival?

Lourival - Isso é um caso de polícia!... Isso é uma coisa que não se faz a ninguém.

Percília - Que coisa, Lourival, fala?

Lourival - A vontade que eu tenho é de chicoteá-las. Tanto uma como a outra. Sim, a velha também. Ela foi cúmplice e devia apanhar tanto como a outra.

Percília - Mas Lourival, por favor, o que foi que houve?

Lourival - Uma barbaridade sem limites. Uma coisa que nunca se viu igual na vida! Um caso que não ha segundo.

Percília - Mas diga logo o que foi. Eu ainda estou sem saber.

Lourival - Eu estou furioso! Se as encontrasse na minha frente agora era capaz de triturá-las. Sim, triturá-las. Picá-las como guisado, pedacinho a pedacinho!... Aquela velha, principalmente, merecia que eu fôsse lá e lhe cuspiasse na cara. Patuar de uma sujeira dessas já é ser semvergonha. Velha semvergonha é o que ela é.

Percília - Mas Lourival, por favor! Eu estou aflita, Lourival. Você esbraveja, esbraveja e não me diz o que aconteceu.

Lourival - Aconteceu o que podia haver de pior para nós. Para mim e para você. Sim, porque ela tanto é minha filha como sua. É não, era. Porque de hoje em diante não a considero mais como tal. Morreu para mim. Morreu!

Percília - Mas o que houve com a nossa filha, Lourival? Eu já estou sentindo uma angústia no coração.

Lourival - O que houve? Você ainda pergunta o que houve? Você ainda insiste em saber?

Percília - Mas naturalmente. Eu preciso saber.

Lourival - Traiu-nos miseravelmente. Casou-se com o tal estancieiro.

Percília - Como? O que foi que você disse? Repita que eu não ouvi bem.

Lourival - (gritando, furioso) Você está surda? Casou-se. Nossa filha casou-se com o tal estancieiro.

Pertília - Aii... Aii... Aaaaii... (Ruído de cair um corpo)

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

- Isabel - O peão me disse que a senhora tinha más notícias para mim eu fiquei tão aflita que não descansi enquanto não pude vir.
- Mingôta - E só assim tu me aparecias, grandíssima ingrata. Parece mentira que estás casada há seis meses e nunca mais vieste ver a tia Mingôta.
- Isabel - Mas eu lhe escrevia bilhetinhos todas as semanas, titia. Nunca me esqueci da senhora. É que Lucindo não desejava que eu viesse sem ele. Minha sogra também achava mal que eu viesse na companhia de um peão. Eu ia esperando por Lucindo. Esperando, esperando mas ele nunca tinha tempo, nunca podia vir. Meteu-se lá nuns negócios que não lhe davam tempo para coisa alguma.
- Mingôta - E ele ao menos é bom para ti, minha filha?
- Isabel - Boníssimo, titia. Não pôde ser mais. Mas depois falaremos disto. Eu estou aflita pelas más notícias que a senhora me mandou anunciar.
- Mingôta - Recebi carta de tua mãe dizendo que teu pai está gravemente enfermo. Queixa-se da situação de abertura em que está vivendo e pede-me para interceder junto a ti ou ao teu marido para que lhe mandem alguma coisa.
- Isabel - Sim, titia, eu darei um jeito... eu lhe mandarei depois pelo peão o que for possível arranjar. E é só? O que mais diz ela?
- Mingôta - Nada mais além de queixas. A sua carta é toda-uma queixa.
- Isabel - Pobre mãe!... Sim, eu terei que dar um jeito de ajudá-la. Amanhã mesmo já lhe mandarei uma importância que a senhora se encarregará de fazer chegar às mãos dela, sim titia?
- Mingôta - Mas porque tu mesma não fazes isto diretamente?
- Isabel - Para mim é difícil, titia. Se a senhora quizesse me auxiliar seria um grande bem.
- Mingôta - Está bem, minha filha, eu te auxiliarei. Pôdes mandar a importância para mim. Mas agora falemos um pouco de ti. Como te sentes na nova vida de casada? À princípio os teus bilhetes mostravam muito entusiasmo, depois traziam apenas notícias vagas e raramente falavam do Lucindo. O que houve?
- Isabel - (mentindo) Nada, titia. Absolutamente nada. A senhora compreende... é que no princípio tudo é novidade e a gente se entusiasma, depois, com o decorrer do tempo tudo passa a ser natural.
- Mingôta - E és feliz com ele? Ele é bom, realmente, para ti?
- Isabel - Sou feliz, sim, titia. Felicíssima. Ele não pôde ser melhor para mim. Adora-me e criva-me de presentes. Cada vez que vai à cidade a negócios, compra-me uma joia. Tenho anéis, pulseiras, broches, colares. Eu queria que a senhora visse, titia. Eu queria que a senhora visse.
- Mingôta - Está bom, antes assim, então. Eu tinha um receio tão grande!
- Isabel - Bem, titia, mas eu tenho que ir porque preciso estar em casa antes das quatro horas. ~~Assa~~
- Mingôta - Então vai, minha querida, vai. Eu não te prendo.
- Isabel - Adeusinho, titia. (Beijos) Amanhã eu lhe mandarei a importância para mãe.

Mingota - Adeus, minha querida. Que Deus te acompanhe e te proteja.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Anacreonte - Mandô priguatã pra sinhora, si a sinhora arrecebeu mais alguma notícia.

Mingota - Diga-lhe que rebeei ante-ontem uma carta, agradecendo as remessas que que ela tem feito e que ~~me~~ ^{muito} lhe tem servido. Que não lhe mandei antes a noticia porque não tive portador. Hoje de manhã tive este telegrama. Infelizmente ele traz uma má noticia.

Anacreonte - Num diga, sã dona. A patrôa já anda tão triste.

Mingota - Pois é. E eu tambem tristissima de não lhe poder evitar este desgosto mas não poderei deixar de lhe comunicar a morte de seu pai.

Anacreonte - Ôri vejei... Que lasti!...

Mingota - Diga-lhe que lhe mando um grande abraço e que ela tenha coragem e fé em Deus!...

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Barbara - Se o negócio é assim de tanto vulto, deves embarcar imediatamente.

Lucindo - Sim, tambem me parece, mas a questão é que justamente agora quando Isabel sofreu um golpe tão grande...

Barbara - Ôra esta, o que tem a ver uma coisa com a outra? Negócios são negócios. Teria muita graça que nós nos prejudicássemos numa soma tão elevada só por causa do luto da tua mulher. Seria uma refinada tolice.

~~Barbara~~ Lucindo - Eu me lembrei, mamãe, que poderia levá-la comigo. Seria até muito bom para distraí-la um pouco.

Barbara - Que absurdo, meu filho. Ou bem você vai tratar de negócios ou bem vai distrair sua mulher. As duas coisas juntas é que não pôde ser.

Lucindo - Mas mamãe... ela está tão abatida!

Barbara - Isso passa. Não ha mal que sempre dure. Eu perdi meu pai, perdi minha mãe, meu marido, minha filha e estou aqui. E depois, meu filho, aprenda isso de uma mulher: as mulheres não podem ser tratadas com muito mim. Ficam logo estragadas. Vá tratar da sua viagem e deixe a sua mulher aí. Quando você voltar verá como ela já estará bem.

Lucindo - Está bem, Mamãe.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Mingota - Eu nem acredito que seja você. Acho que os meus olhos estão mentindo.

Isabel - Sou eu, sim, titia. Dei uma fugida até cá porque precisava muito falar-lhe. Anacreonte me disse que mamãe escreveu á sinhora queixando-se de mim? Mas eu tenho lhe mandado sempre dinheiro.

Mingota - Não é de falta de dinheiro que ela se queixa. Ela se queixa que em todas as suas cartas manda lhe pedir para vir passar uns tempos com você e você não se resolve a mandar buscá-la. Qãe ela vive muito só e cheia de saudades.

Isabel - Sim, titia, eu acredito... eu teria vontade de trazê-la... A sinhora faça o seguinte: escreva a ela e mande-lhe dizer que quando Lucindo regressar de São Paulo que nós iremos buscá-la.

Mingota - Como? Ele foi outra vez a São Paulo?

Isabel - Não, titia, ele ainda não voltou.

Mingôta - Tanto tempo, minha filha!...

Isabel - Quasi cinco mezes, tia Mingôta.

Mingôta - Deverias ter ido acompanhá-lo, minha querida. Não se deixa um marido assim tanto tempo longe. Eles se acostumam.

Isabel - Sim, de fato... ele queria que eu fôsse... insistiu, até... mas no momento eu me encontrava tão indisposta, tão desanimada... e depois ele não pensava demorar tanto tempo. É que os negócios se complicaram...

Mingôta - E ele te escreve sempre?

Isabel - Quasi todos os dias. Diz que tem duas malas cheinhas de presentes para mim. Quasi tudo que vê de bonito lembra-se de mim e compra.

Mingôta - Pois bem, minha filha, então eu vou escrever á tua mãe e vou mandar dizer que quando Lucindo regressar da viagem que vocês irão buscá-la. Ela, coitada, vai ficar radiante.

Isabel - Bem, titia, eu não posso demorar. Foi só uma fugidinha. Tenho que estar em casa antes das quatro.

Mingôta - Está bem, minha filha, vai. E continuas feliz?

Isabel - Muito feliz, titia. Muito feliz! Felicissima!

Controle: —————> (CORTINA MUSICAL)

Isabel - (tom de segredo) Entregaste-lhe o dinheiro?

Anacreonte - Entreguei, sia dona. A patrôa não me percurô?

Isabel - (idem) Não. Felizmente ainda não levantou da sêsta.

Anacreonte - Ela mandô curvidá a sia dona pra ir lá com seu Lucindo na noute de Natá que ela tem um presente munto bôo pra sia dona.

Isabel - Será muito difícil de pudermos ir. Lucindo veio especialmente de São Paulo para passar o Natal com dona Bárbara não he de querer deixá-la para me acompanhar á casa de tia Mingôta.

Anacreonte - Mais sia dona vai tê que ir. Ela tem um presente munto bôo. Já mandô vim.

Isabel - É Anacreonte? (Ele confirma) E tu sabes o que é? Ela te disse?

Anacreonte - Disse, sia dona, mas porem ela me proibiu de dizê pra sia dona. Le agaranto que é bôo. Sia dona vai ficá de boca abelta.

Isabel - Tu tens que me dizer o que é, Anacreonte.

Anacreonte - Mais ela pídiu pra eu não dizê, sia dona.

Isabel - Mas ela não precisa ^{Saber} ~~Saber~~ que tu disseste. Eu quero saber. Diz.

Anacreonte - Ela vai mandá buscá a mãe da sia dona pra môde passá o natá na casa dela, junto com sia dona e seu Lucindo.

Isabel - (horrerizada) Não, Anacreonte, tia Mingôta não pôde fazer isto. Eu não quero que ela venha. Eu não quero que ela saiba. Hoje á noite tu voltarás lá e dirás a ela que não faça nada sem falar comigo. Que amanhã, á hora da sêsta, eu darei uma fugida lá.

Controle: —————> (CORTINA MUSICAL)

Mingôta - Mas minha filha, tu me dizias sempre que eras tão feliz!

Isabel - (Chorando) A minha felicidade, tia Mingôta, era uma felicidade de mentira! Uma felicidade para uso externo. Nunca fui feliz! Tudo mentira! Escondi sempre a verdade para não confessar o fracasso da minha vida! Só Deus sabe o que tenho sofrido em silêncio!... Só Deus sabe o que tenho chorado sósinha!...

Mingôta - Eu bem que desconfiava, minha querida. Nunca o coração me enganou!

Isabel - O dinheiro que lhe tenho mandado para remeter à mamãe é conseguido com roubo. Anacreonte vende, às escondidas, uma vez, cada vez que tenho necessidade de fazer-lhe uma remessa. Ele tem sido o único amigo da minha desdita.

Mingôta - Por tua culpa, minha filha. Por tua culpa somente. Se desde o princípio me tivesses dito a verdade eu também estaria pronta a auxiliar-te.

Isabel - Bem sei, tia Mingôta. Bem sei. Mas eu não queria que ninguém soubesse que eu era infeliz. Quando papai esteve mal eu quizei ir vê-lo. Não me deixaram. Se nem aqui eu tinha permissão de vir. Aproveitava a hora em que minha sogra dormia e sôsta e meu marido estava ausente para dar uma fugida e voltar antes que ela despertasse.

Mingôta - Eu bem que desconfiava de tudo isto, minha filha.

Isabel - E eu queria lhe pedir que não mandasse buscar a mamãe porque eu tenho verdadeiro horror de me lembrar que ela possa vir a conhecer a verdade. Quando papai morreu eu tentei trazê-la algum tempo para minha companhia. Ouça o que me respondeu minha sogra:

Controle: → (Frásse musical)

Bárbara - Não senhora. Nada disto. Cada um na sua casa.

Isabel - Mas é por muito pouco tempo, doná Bárbara. Apenas para que ela se distraia um pouco.

Bárbara - Eu conheço bem essa cantilena. Elas veem por pouco tempo e depois se plantam. Nada disto. Nada disto. Isso aqui não é asilo da velhice desamparada. Ela tem a irmã que é bem rica e móra sósinha. Venha para a casa da irmã, se quiser. Aqui, porém, eu não a quero nem de visita!

Controle: → (frase musical)

Mingôta - Que horror, meu Deus!

Isabel - (chorosa) E quando fui lhe pedir para acompanhar meu marido a São Paulo porque estava muito nervosa com a morte de papai, ouça o que me disse também:

Controle: → (frase musical)

Bárbara - Você faz tudo muito fácil, muito simples, mas esquece-se de que a despesa será dobrada. Viagem para dois. Hotel para dois. E mais gastos de vestidos, de sapatos e etc, e etc. Não, não, não. Nada disto. Os tempos não estão para gastos inúteis.

Isabel - Lucindo tem vontade que eu vá, dona Bárbara. Ele acha que talvez seja obrigado a demorar muito.

Bárbara - E o que tem isto? Você não está só aqui. Por acaso a minha companhia não lhe parece suficiente? Não, não, não. Nada disto. Tire essas ideias da cabeça porque você não irá. (Ela tenta falar) Não irá, já disse. (autoritária) E não se fala mais nisto.

Controle: → (frase musical)

Isabel - E eu agora não queria que mamãe soubesse disto. Eu queria que ela continuasse a acreditar na minha felicidade de mentira. Ela vindo ha de perceber tudo, por força.

Isabel - Eu não quero, absolutamente, que mãe saiba a verdade. Faço questão absoluta que ela continue a acreditar na minha felicidade de mentira.

Mingôta - Não será difícil, minha filha. Nós a convenceremos que ela deve continuar a viver na cidade onde ha mais recursos e mais distrações para a sua velhice. Tu voltarás para a minha casa, ficarás morando comigo e todos os meses lhe mandaremos uma mesada para que ela não tenha falta. E de agora em diante não será mais preciso mandar o Anacreonte vender as rezas para conseguir-lhe o dinheiro.

Isabel - A senhora é um encanto de bondade, tia Mingôta. Ah que se não fôsse a senhora eu nem sei se teria forças para enfrentar uma situação destas.

Mingôta - Deus nunca nos desampara de todo, minha filha. Nas nossas maiores aflições, nas nossas noites mais escuras, há sempre uma pequena réstea da sua luz que chega até aos nossos corações.

Controle: —————> (CORTINA MUSICAL)

Pericilia - Desde a morte de teu pai, eu nunca mais havia tido um instante de alegria como este. Sentia tantas saudades de ti, minha filha.

Isabel - Eu também, mãe. Mas era tão difícil vir vê-la. Lucindo não gosta de me deixar sair só e se não fôsse com tia Mingôta nem desta vez eu teria podido vir. (Passos que se aproximam) Quem era titia? Da confeitaria, talvez?

Mingôta - Não, minha filha. É ~~da~~ o telefone da portaria que te chama. Mas espera um momento, Pericilia, vê se fala com a camareira aí no corredor e pede-lhe que telefone para a confeitaria reclamando as nossas encomendas. É quasi meia noite e não teremos com que comemorar o natal.

Pericilia - Sim, Mingôta, eu vou: (Passos que se afastam)

Mingôta - É ele que te procura.

Isabel - Ele? Mas como?! Quem lhe poderia ter dito onde nos hospedavamos?

Mingôta - Fui eu mesma que disse ao Anacreonte. Eu esperava esta reação. Vai aten dê-lo.

Isabel - Não, titia. Não quero.

Mingôta - Vai, sim, minha filha. É teu marido.

Controle: —————> (CORTINA MUSICAL)

Lucindo - Eu estou verdadeiramente desolado pela tua ausencia, Isabel.

Isabel - Porque me deixaste sair?

Lucindo - Porque não pensei que te quizesse tanto. Às vezes basta um pequenino nada para nos revelar uma coisa destas. Estou sofrendo, Isabel.

Isabel - E não cres que eu também o esteja? Rio, para que minha mãe acredite na minha felicidade mas infelizmente eu tenho lágrimas no coração.

Lucindo - Estou na cidade. Vim na esperança de encontrar uma condução que me levasse a tempo de passar contigo a noite de natal mas infelizmente nada consegui e terei que passá-la aqui sozinho. Foi sentindo o desespero desta solidão que quiz ao menos ouvir a tua voz. Volta amanhã, Isabel.

Isabel - Não, Lucindo, nunca mais voltarei. Não poderei encontrar a felicidade onde chorei tantas lágrimas amargas.

Lucindo - Pois bem, eu irei encontrar-te então e ficaremos onde tu quizeres. Aí, em São Paulo, no Rio, no fim do mundo, contanto que eu te tenha ao meu lado.

Controle: —————> (Ouve-se os sinos repicando festivamente e o canto de natal como no fundo) Estás ouvindo os sinos repicando?

Lucindo

(comovido) Feliz Natal, Isabel.

(comovida) Obrigada, Lucindo. Feliz Natal. *para ti também.*

Irei buscá-te amanhã.

Vem. *(Ruído de desligar telefone) (Passos que se aproximam)*

Estúdio:

Mingôta - Minha filha, vim buscá-te que já está tudo preparado lá no quarto. Tua mãe nos espera.

Isabel - Sim, titia, vamos.

Mingôta - E então?

Isabel - Agora sim, titia. Parece-me que de agora em diante a minha felicidade deixará de ser uma felicidade de mentira!...

Controle:

(Sinos repicando forte e o canto de natal igualmente) *incluído com a Casa*
Carlótica.

SPEAKER: - Ouviram Felicidade de Mentira, um trabalho que Roberto Lis escreveu para o grande Teatro Difusora, interpretando-o com os seus artistas. *uma*
trabalho relativo a Felicidade de Mentira

Ouçá no próximo *Sábado* às mesmas horas de hoje, *no grande Teatro Difusora*
mais um grande trabalho de Roberto Lis *e seus artistas no grande Teatro Di-*
fusora.

Controle:

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)